

ARTE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUE É E PARA QUE SERVE?¹

Prof. Dr. Paulo E. Diaz Rocha²

*A arte não é um elemento vital,
mas um elemento da vida.
Mario de Andrade*

Resumo

Os objetivos deste artigo são conceituar esta área de reflexão e ação em educação ambiental e problematizar suas práticas atuais, indicando sua função social e seus potenciais perante a questão ambiental. Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas *arte*, *meio ambiente* e *educação*, refletindo sobre a aproximação entre estes três campos. A problemática levantada por este artigo é a da dificuldade e ao mesmo tempo o do potencial, por meio das artes, de sensibilizar e envolver diversos tipos de público alvo. O que se pretende é contribuir para a mudança de hábitos, visando uma participação criativa, a princípio despreocupada, mas inteligente e provocativa perante o consumo, uso, descarte etc. Portanto, a *Arte Educação Ambiental – AEA*, como tenho denominado este campo de reflexão-ação, é vista aqui como o trabalho lúdico e também engajado, usado em função de sua utilidade pedagógica e tendo como objetivo final uma alteração radical do *modus vivendi* atual e a consequente proteção ambiental. Assim, ela serve para estimular a criatividade, mas não como fim em si mesma (arte pela arte) e sim política, militante, ideológica. Creio que ela tenha um papel direcionado para o comprometimento do artista e sua responsabilidade como cidadão planetário. “*Artista*” no sentido de toda e qualquer pessoa criativa; como todo indivíduo dedicado ao seu desenvolvimento mental, imaginativo e altruísta. E, mesmo que não tenha um amplo e refinado desenvolvimento estético, procura sensibilizar-se e a outrem através de seu potencial de expressão. Deste modo, aponto restrições, embora pertinente em certas ocasiões, quanto ao uso, posso dizer, ingênuo da AEA apenas como passatempo ou recreação, uma vez que não esteja conectada diretamente com um projeto maior de alteração do paradigma insustentável da sociedade atual. Quanto aos principais resultados obtidos, pode-se dizer que, embora não exista uma real avaliação da estratégia de ação

¹ Taller: Materiales didácticos y experiencias lúdicas como recurso educativo para la Educación Ambiental.

² Biólogo, educador do Programa USP Recicla e professor do curso de especialização em Meio Ambiente e Sociedade, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. Em 2008, organizou a I Semana de Arte, Cultura & Meio Ambiente da USP – SACMA-USP, acessível em <http://stoa.usp.br/sacmausp/profile>. Contato: pdiaz@usp.br

através da arte educação, os educadores, ambientais ou não, têm reunido muitas experiências na busca pela construção de uma sociedade planetária sustentável. E diversas pesquisas no país e no mundo (M. de L. M. PEREIRA, J. F. DUARTE JR, H. GARDNER, J. HUIZINGA, M. RIBON e R. SHUSTERMAN) têm indicado a ludicidade como fundamental como fator de sensibilização e de envolvimento cidadão. A partir de jogos, dinâmicas, oficinas, cursos e aulas, há maior participação por meio da ludicidade. Como conclusões podemos apontar para um crescente movimento das artes promotoras da cidadania crítica e de intervenção local, de rua, visando a sustentabilidade. Assim, creio que as ações relacionadas à arte educação são de vital importância para incrementar a participação individual e coletiva. Portanto, a AEA pode ser vista como uma ferramenta de promoção de reflexões e ações e tem se constituído como componente imprescindível para uma maior presença da questão ambiental em diversas atmosferas.

Palavras-chave: arte, ludicidade, intervenção, cidadania

Abstract

The objectives of this article are to appraise this area of reflection and action in current practical environmental education and to discuss it, indicating its social function and its potentials before the environmental question. As methodology, a bibliographical survey on the subjects was carried through *art*, *environment* and *education*, reflecting on the approach between these three fields. The problematic one raised for this article is of the difficulty and at the same time of the potential, by means of the arts, to sensitize and to involve diverse types of public. What it is intended is to contribute for the change of habits, aiming at a creative participation, the unpretentious, but intelligent and provocative principle before the consumption, use, discarding etc. Therefore, the Art Environmental Education - AEE, as I have called this field of reflection-action, is seen here as the playful work and also engagement, used in function of its pedagogical utility and having as objective end a radical alteration of the current way of life and the consequent environment protection. Thus, it serves to stimulate the creativity, but not as end in same itself (art for the art) but politics, militant, ideological. I believe that it has a paper directed for the compromise of the artist and its responsibility as planetary citizen. "Artist" is seen like all and any creative person; as all dedicated individual to its mental, imaginative and altruistic development. And, even that they does not have an ample and fine aesthetic development, looks for to sensitize itself and another people through their potential of expression. In this way, I point restrictions, even so pertinent in certain occasions, about the use, I can say, ingenuous of the AEE only as pastime or recreation, a time that is not connected directly with a bigger project of alteration

of the unsustainable paradigm of the current society. About the main gotten results, it can be said that, even so one real evaluation of the strategy of action through the art education does not exist, the educators, environmental or not, have congregated many experiences in the search for the construction of a sustainable planetary society. Diverse researches in the country and the world (M. of L. M. PEREIRA, J. F. DUARTE JR., H. GARDNER, J. HUZINGA, M. RIBON and R. SHUSTERMAN) has indicated the playful work as basic as citizen involvement and sensitization. From games, dynamic, workshops, courses and lessons, have greater participation by means of the playful action. As conclusions we can point for an increasing movement of the promotional arts of the critical citizenship and local intervention, of street, aiming at the support. Thus, I believe the actions related to the art education are of vital importance to develop the individual and collective participation. Therefore, the AEE can be seen as a tool of promotion of reflections and action and if has constituted as component essential for a bigger presence of the environmental questions in diverse atmospheres.

Key words: art, playful pedagogy, intervention, citizenship

Apresentação

Com este trabalho, pretendo conceituar esta área de reflexão e ação em educação ambiental, refletir sobre as diferenças entre *arte pela arte* e *arte engajada* e problematizar suas práticas atuais, indicando sua função social e seus potenciais perante a questão ambiental.

Para tal, me baseio em algumas idéias de autores relevantes para o debate, somados a outros citados no percorrer do texto. Com a Arte Educação Ambiental – AEA, imagino procurar *educar através da arte* (H. READ), *reagir à matematização do mundo* (E. SÁBATO), *proporcionar uma educação (do) sensível* (DUARTE Jr.), *reverter a espetacularização da cultura* (A. TOURAINE), *elogiar a “razão sensível” e não fria e estéril* (M. MAFFESOLI), *superar a crise do amor que está por baixo da ecológica* (J. HILLMAN), *resistir à “mais-repressão” dos instintos fundamentais* (H. MARCUSE e S. FREUD), *somar sensibilidade à razão instrumental, científica, técnica* (G. KUJAWSKI), *se opor ao “mínimo eu” que forma indivíduos sem apegos e valores* (C. LASCH) e *lembrar que “os artistas são as antenas da raça”* (E. POUND)³.

Ou seja, antenas para sentirmos nossa *oikos* = casa (desde cada membro do corpo, ao lar, bairro, cidade, país, planeta, universo) sob nova ó/ética! Assim, inicio esta jornada

³ Citados a partir da leitura de DUARTE Jr., 2001.

interdisciplinar, desenvolvendo algumas questões filosóficas, políticas, antropológicas e, claro, pedagógicas, estéticas e ecológicas da sociedade moderna em relação ao que seria *arte* e como tem se dado nossa relação com a natureza, nosso meio ambiente.

Em seguida, detalho brevemente os campos da Arte Educação e da Educação Ambiental para enfim adentrar no tema preciso deste artigo, a Arte Educação Ambiental, apontando para alguns dos principais resultados encontrados e apresentando alguma coisa de minha própria trajetória – não apenas com imagens, mas também com a citação de diversos de meus artigos no tema.

Assim, termino com algumas conclusões com pelo menos o que penso que deveria ser a AEA, no caso de jovens e adultos, já que com crianças talvez não seja pertinente. Desde já revelo, que na verdade, tenho minhas dúvidas se seria realmente possível reverter o atual quadro catastrófico da condição humana no planeta pela *arte* e/ou pela *educação* ou se temos tempo para isso... Mas pelo menos podemos ser como os violinistas do Titanic: comemorar “uma festa de curta duração”, conforme cita F. NIETZSCHE (apud BRUM, p.59, 1998).

O que seria *arte*?

*A arte não reproduz o que vemos.
Ela nos faz ver.*
Paul Klee

Para as civilizações ditas primitivas, através da criação artística, "evidencia-se o sentido de harmonia natural e a memória coletiva em um ritual de reinterpretação do ritmo eterno da evolução, involução e devolução do cósmico" (K. VATSYAYAN, s.d.).

Segundo PEREIRA, arte seria “uma característica do domínio afetivo que permeia a humanidade em sua existência cultural e biológica, pois se baseia no pressuposto de que, naturalmente, o ser humano é um ser criador, refletindo não somente sua porção genial e exploradora, como também sua face psíquica e transcendental”. Para S. Langer (citada por DUARTE JR, 1988), ela é a criação de formas perceptíveis expressivas do sentimento humano (p.82).

Para J. COLI, não podemos ser superficiais, definindo arte apenas como “...manifestações de atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo”. Lembra o uso de um vaso sanitário usado por Marcel DUCHAMP (1915) e seu “princípio da provocação”, como crítica ao convencionalismo do objeto artístico: uma “*antiarte*” (p.68). No caso do surrealismo, segundo COLI, a meta essencial da arte seria a liberação de um “eu profundo” do artista, uma “libertação do inconsciente”...

Mas a arte e sua admiração estariam nas coisas ou em nós mesmos? O discurso sobre arte, por críticos, nem sempre eles próprios artistas, faz com que possamos cercá-la de diversas conceituações possíveis. Não há e provavelmente nunca haverá consenso pleno entre públicos, artistas e críticos a respeito do que é ou não é arte. Também pudera, de tempos em tempos, espaços, culturas, estilos, toda concepção e apreensão dos objetos se relativizam, já que oscilações entre desprezos e interesses sempre ocorrem. Basta lembrar que o que vemos como objetos artísticos, para povos primitivos, são instrumentos de culto, magia, encantamento, bem diferente de nossa noção, leiga, enciclopédica. Para COLI:

...o “em si” da obra de arte, ao qual nos referimos, não é uma imanência, é uma projeção. Somos nós que anunciamos o “em si” da arte, aquilo que nos objetos é, para nós, arte. (p.64)

COLI cita André Malraux que reflete sobre as fronteiras entre o “em si” e o “para nós”⁴: nossa subjetividade tem o poder de descobrir a força artística que está nos objetos, imanente, em si, sendo projeção e reconhecimento indissociáveis (p.66).

Uma das discussões apontadas por COLI é se a arte é fruto de um “gesto espontâneo” ou de um “emprego descontraído” e se por meio dela o artista revela suas preocupações, sua visão. Esta foi a discussão de uma *corrente funcionalista* que “buscava nas formas exigidas pelas funções dos objetos a manifestação da arte”, que, apesar de baseado numa reflexão racional, formava uma poética do funcional (p.88), a teoria estética segundo ensinamentos da *filosofia pragmatista* defendido por R. SHUSTERMAN (1998)⁵. Do mesmo modo, como um contra-ponto, um objeto de uso cotidiano se exposto em um museu pode se transformar em arte, perdendo sua função utilitária, não fazendo mais “...parte de um sistema racional de utilidade. E, livre, o supérfluo emerge como essencial” (p.90). Assim, Coli aponta para *dois registros diferentes* que alimentam a arte: o objeto no interior de funções econômicas ou sociais e outro reduzido à gratuidade, ao supérfluo, esvaziado de função, imposto a uma perda da função primitiva. O primeiro nutre a produção artística e lhe dá vigor, fornecendo seiva de um terreno diferente (94). O segundo depende de uma assistência intencional e artificial, estímulo artificial para sobreviver.

Sendo um “instrumento de *prazer* cultural de riqueza inesgotável”, a arte por outro lado não prescinde da *razão* mesmo não sendo imediatamente vital, existindo diversos

⁴ Paradoxo também encontrado na discussão sobre o que é natureza.

⁵ Seus teóricos principais são N. Goodman, A. Danto, R. Rorty e J. Dewey (*Art as experience*). Shusterman cita sua diferença com Adorno e a Escola de Frankfurt, pois, embora este autor valorize a “dimensão comunicativa e cognitiva da arte e de seu ideal político-social”, defende a autonomia entre arte e vida. Também coloca que as teorias desconstrutivistas e críticas não contribuem com a transformação da prática pela teoria caso não proponham alternativas concretas testáveis via experiências (rodapé, p.54).

artistas que se apóiam na *ciência*. Por isso, a obra de arte vai além do racional, comunicando através de outros canais: da emoção, do espanto, da intuição, das associações, das evocações, das seduções. Para COLI, a ciência serve de apoio à arte, “como uma estrutura rigorosa sobre a qual floresce a não racionalidade” (p.106). O autor cita a ação de “fatores exteriores” nas artes, usada como instrumento ideológico, dócil ao que se exige dela, submissos ao poder:

Não se acomodando às normas, a arte sempre se desvia por caminhos incontroláveis, mesmo quando aparentemente obedece. E se, em circunstâncias, podemos acreditar que um ‘engajamento’ da produção artística seja útil ou louvável, não devemos esquecer que há um poder ‘subversivo’ mais profundo em sua insubordinação irreprimível.

O sono da razão produz monstros, como dito por Goya, já que no interior humano vivem o estranho, o inesperado, o insuspeitado, o confuso, o inextricável: “universo imenso da vida inconsciente”, um “não-racional coletivo, social, histórico”. COLI cita, portanto, uma *função de conhecimento, de aprendizagem*, já que em seu contato, temos chance de nos transformarmos, podendo despertar emoções e razões, “reações ricas culturalmente, que aguçam nossa forma de apreensão do mundo que nos rodeia” (p.109): mesmo que não necessariamente o melhor, a relação com ele se torna mais complexa e fértil. Diferente da ciência, a arte não reduz, não isola e nem quer explicar, mas tem o poder de nos fazer sentir (embora não seja oposta a ela). Ela propõe uma viagem de rumo imprevisível, onde é mais importante a evasão do que a chegada, como refúgios, universos paralelos onde podemos fugir de problemas cotidianos, mundanos, alienações temporárias que permitem enriquecer nossas *sensibilidades*. Essas servem para contrapor ao fato de que, a cada dia, “perdemos o hábito do olhar que analisa, perscruta, observa” (p.122) e permitem ampliar o “terreno da *intersubjetividade*” entre as pessoas: “a arte nos une, servindo de lugar de encontro, de comunhão intuitiva; ela não nos coloca de acordo; ela nos irmana” (p.126)!

E por isso ousou dizer que a arte tem um dom que beira o *sagrado*, pode ser vista como *hierofania*, manifestação de algo maior, de ordem diferente, que não pertence ao nosso mundo, mesmo que em e com objetos integrantes do mundo dito natural, *profano*⁶. Na sua relação com a natureza do mundo⁷, os seres humanos têm a capacidade de ver além do cotidiano nas coisas que nos rodeiam e, através das artes, podemos expressar este

⁶ Sobre sagrado e profano, mas não necessariamente sobre arte, veja M. ELIADE, 2008.

⁷ Uso este termo, apoiado em idéias tais como as de B. Pascal (J. T. BRUM, 1998): situado na ordem da natureza, o humano a ultrapassa, sendo instável e excêntrico – uma “ambigüidade trágica” (p.60). Assim, vejo uma grande continuidade entre o mundo natural e o humano, embora isso possa ser usado como desculpa para um deslize a uma naturalização das iniquidades humanas e apoiar uma possível interpretação darwinista social das injustiças das sociedades.

potencial de superação, ao menos ideal, da condição terrena, mundana⁸. E por isto, tanto as artes como a natureza são elementos insubstituíveis para este contato com o *sublime*, com o que pode nos alavancar para a construção de um mundo melhor.

Para BRUM (1998), Nietzsche, diferente de Aristóteles (purgatória) e de Schopenhauer (resignada), apesar de reconhecer nossa animalidade e de sua perspectiva trágica da jornada humana no planeta Terra⁹, tem sua visão sobre a arte como “capaz de reconciliar o homem com a existência”, denominando-a de *afirmativa* ou *dionisíaca*¹⁰, se resignando “a celebrar os encantos desta existência aqui, efêmera e fugidia” (p.117).

Sobre o pragmatismo nas artes, SHUSTERMAN (1998) reconhece os perigos existentes na radicalização da idéia e de usos (“abusos políticos”) indevidos de manipulação e dominação social (citando a TV¹¹). Porém, ele chama de *meliorismo* (p.11) o pragmatismo estético visto como parte de uma reforma social. Ele cita a resistência expressa nas letras das músicas *rap*¹² e do cantor brasileiro Chico Buarque como exemplos da “arte abraçando o prático e estendendo-se ao social e ao político” (p.13). Para o autor, diversos artistas “aproximaram o estético de sua realidade cotidiana, refletindo uma práxis de vida”. Nesta crise pós-moderna em que vivemos, uma reorientação, revisão, reconsideração da arte por meio deste viés da “estética pragmatista assume papel ativista”, o que foi deslanchado, segundo SHUSTERMAN por J. Dewey, sugerindo a “arte como experiência” (p.34). Mas ele pondera sobre este desafio entre o uso e o abuso da arte por algo dito externo a ela:

Apreciar a arte como mero instrumento a serviço de algum outro fim, seja o conhecimento, a moralidade, o equilíbrio psicológico ou a grandeza cultural, equivale a reproduzir a mesma lógica castradora que a desfavoreceu, submetendo-a a outras práticas culturais como a filosofia. Tal visão instrumental não é muito convincente (p.36).

Este autor critica a distância entre realidade e vida da arte, lembrando que Platão já contrastava *poiesis* (fazer ou fabricar) da *práxis* (ação ou prática) com sua teoria da *mimesis*, definindo a arte como imitação e a relevando a algo sem valor cognitivo e fora da ação sócio-política (p.44). Assim, apoiado nas idéias da experiência de Dewey, ele defende que com a arte objetivada, se elimina o contraste entre autor e espectador, pois ambos se

⁸ Para ler sobre a relação arte e natureza, sob o ponto de vista da filosofia e das belas artes, veja M. RIBON (1991).

⁹ Nietzsche tinha uma noção de vida positiva e afirmativa, mas também cruel e inexorável (BRUM, p.66), sensível ao incomensurável e original prazer de existir (p.73).

¹⁰ “Para que haja o eterno prazer de criar, para que a vontade de vida se perpetue em uma alegre aceitação, é preciso também que haja eternamente ‘as dores da parturiente’ (...) Eis tudo o que significa a palavra Dionísio (BRUM, p.75, 1998).

¹¹ Podemos perceber o enorme poder deste meio de comunicação, visto como arte ou não, mas não o que tem sido em países como o Brasil. Perde-se portanto seu potencial de mudança radical para um outro mundo possível...

¹² Sobre este estilo de música como arte popular e como exemplo de pragmatismo, veja os capítulos “Forma e *funk*: o desafio estético da arte popular” e “A arte do *rap*”.

complementam, reconstruindo ativamente o objeto estético: ela é “tanto produção dirigida quanto recepção aberta, construção controlada e absorção cativante.

O autor e também M. CHAUI (2009) apontam para a radical e histórica separação entre filosofia e arte, já que aquela nasceu da luta pela supremacia intelectual contra sofistas, retóricos e artistas, dentre estes principalmente os poetas, em geral intensamente sábios. Para o autor, a arte, enquanto prática sociocultural historicamente determinada, é um conceito intrinsecamente aberto e mutável, um campo que se orgulha de sua originalidade, novidade e inovação, já que seu caráter extremamente expansivo e instável torna sua definição logicamente impossível (p.25).

A problemática, afinal, seria a dificuldade e ao mesmo tempo o potencial, por meio das artes, de *sensibilizar* e *envolver* diversos tipos de públicos-alvo frente à calamidade sócio-ambiental que se afigura nos mundo de hoje. O que se pretende é contribuir para a mudança de hábitos, visando uma participação criativa, pretensiosa, inteligente e provocativa perante o descaso humano pelo meio ambiente. F. GUTIERREZ (1999) diz:

...nenhum ser conhece e penetra verdadeiramente senão naquilo que ele mesmo cria e por isto é a expressão criadora que dá sentido à ação educativa; a pessoa atualiza suas potencialidades na medida em que sua sensibilização e problematização deslancham sua criatividade a qual permitirá a busca de hipóteses, soluções e respostas adequadas e inovadoras.

Sobre a especificidade da arte enquanto estratégia lúdica em educação ambiental, comentarei mais a frente. Porém, adentraremos primeiro na problemática moderna da questão ambiental.

O que seria *ambiente*?¹³

O início da problemática ambiental, cuja resolução se torna de extrema urgência no final da segunda metade do século XX, traz controvérsias interessantes e de grande repercussão nas mais vastas áreas do fazer humano. Uma vez que inerentemente a humanidade utiliza recursos naturais e a pressão sobre eles segue até hoje em crescimento exponencial, não é possível demarcar fronteira nítida do surgimento da chamada questão ambiental. De qualquer modo, temos pela frente, neste novo milênio, um sério duelo de forças que nos obriga a nos posicionar em relação à *possibilidade de extinção da espécie sobre o planeta*. A relação sociedade-natureza se mostra então complexa por sermos ao mesmo tempo sua dependente e sua consumidora. De muita valia é a contribuição dada por K. Marx, quando descreve a relação de trabalho entre o ser humano e a natureza:

¹³ Visão sociológica do termo, oriunda de revisão do sub-capítulo A Questão Ambiental na Sociedade Capitalista, do capítulo A Emergência da Questão Ambiental de minha tese de doutorado “Interdisciplinaridade e Meio Ambiente em Cursos de Pós-graduação no Brasil” (DIAZ ROCHA, 2001).

Ele coloca em movimento as forças naturais que pertencem à sua natureza corpórea, braços e pernas, cabeça e mãos, para se apropriar das substâncias naturais sob uma forma utilizável para sua própria vida. Assim agindo, através de seus movimentos sobre a natureza exterior, transformando-a, ele transforma ao mesmo tempo sua própria natureza.¹⁴

Para efeitos didáticos, no entanto, podemos distinguir o lento ritmo do vasto período da história humana sobre o planeta desde nosso surgimento há cerca de 35 mil anos, comparado à tamanha velocidade imprimida nas recentes décadas da relação do ser humano com a natureza. Ao mesmo tempo em que defendo a idéia de um *continuum* biológico na evolução histórica dos seres humanos¹⁵, demarcamos o presente momento com o fator crítico de ameaça real de desaparecimento da espécie, mesmo depois de terminada a Guerra Fria e a eminente possibilidade de hecatombe nuclear.

Segundo J. LENOBLE (1969), pensar sobre o que é 'natural' nos faz abordar tanto elementos *científicos* (o que são as coisas?), quanto *morais* (que atitudes perante o mundo?) e *religiosos* (é o todo ou obra de deus?). Para ele, sempre houve diálogo entre sociedade e natureza, mas o ser humano passou a falar demais, sem escutá-la. Antes, cada pormenor era amado por ele mesmo, concebido como um todo. Por isto, mesmo sabendo menos, pensava-se mais sobre os objetos, aproveitando melhor sua intimidade, seu caráter imediato e sensível *versus* as estatísticas, os balanços, as percentagens atuais. A herança do século XII foi a Escolástica que dominou a época inspirada pelas artes - a presença *qualitativa* contra a *quantitativa*.

Já o Protestantismo, de acordo com aquele autor, começou a afirmar a corrupção essencial da natureza e a negação da liberdade; recusando a entregar-se à amizade das coisas (*fruitio*), quando se soma culpabilidade e divindade arbitrária. Seu primeiro movimento foi um *anti-naturalismo*, pois ela não seria mediadora entre deus e seres humanos, o que tornaria mais fácil a passagem da economia medieval para uma nova. Para CASTORIADIS (1978), refletindo sobre estes tempos de grandes transformações:

A mudança ocorre quando o infinito invade este mundo, quando ocorre a 'coincidência' e a convergência da matematização do mundo e da racionalidade dos 'donos' da natureza e o 'aburguesamento' da humanidade: a idéia de que o crescimento ilimitado da produção e das forças produtivas é, de fato, o objetivo central da vida humana, (...) uma progressão assintótica do conhecimento em direção à verdade absoluta. (...) Em suma, o movimento se dirige para o cada vez mais: mais mercadorias, mais anos de vida (...) - e o 'mais' é o 'bom'.

Já no século XVIII, o Ocidente, com a percepção do infinito e a linearidade obtida com a 'flecha do tempo', estava envolvido nas discussões sobre a interação dialética e não antagônica entre as orientações progresso/reação, como procura esclarecer J. Le GOFF (s.

¹⁴ K. Marx citado por Goldmann, L. (1948).

¹⁵ Ver meu artigo em DIAZ ROCHA, 1996.

d.). Da noção de progresso, o autor distingue uma “forma explícita” como juízo de valor (moral), da “implícita”, esta como objetivo ou direção (técnico-científica):

Em seguida, espalhou-se a idéia - (...) - de que o progresso tecnológico arrastava consigo o progresso político senão o moral, enquanto que noutros meios, e sobretudo (...) se impunha a idéia de que não só progresso moral não tinha seguido o progresso técnico, mas que tinha também efeitos deletérios sobre a moralidade individual e coletiva. (p.339)

Do desprezo até os fins do século XVIII, ao apreço pela natureza durante o Romantismo, as atitudes e as mentalidades sofreram uma revirada brusca que se seguiu à deterioração do ambiente urbano pela industrialização crescente e pelo crescimento demográfico. No meio do século XIX, a mentalidade transformou-se com o aparecimento do conceito de ‘modernidade’, o que constitui uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial. Segundo Le GOFF (p.370), na segunda metade do século XX, esta ‘modernidade’ generaliza-se no Ocidente e é introduzida a idéia de ‘modernização’, que com um discurso técnico-desenvolvimentista mascarou grandes absurdos no trato com o ambiente natural dos mais diversos países. Foi assim que a conseqüente degradação ambiental chegou ao patamar de urgente problemática mundial, uma vez que o interesse humano não se preocupava com a interligação entre produção e conservação. J. BAUDRILLARD (1995), em seu texto sobre a emergência histórica do mito do consumo no século XX, adentra em aspectos psicológicos, explicando sobre o processo de alienação da mercadoria no *modus operandi* capitalista industrial - o tal “pacto com o diabo” que, segundo ele, desde a Idade Média nos envolve com o mito central de domínio da natureza.

O mito do progresso linear e infinito do acúmulo de capital, universalizado pelo desenvolvimento econômico de alguns países, foi de certo modo abalado pelos estudos do chamado Clube de Roma (MEADOWS et al, 1972) que demonstrou a interdependência das atividades econômicas predatórias com a degradação do mundo físico. Apesar desta aparente contradição entre crescimento moral e material da humanidade, o processo de expansão e domínio da espécie sobre o planeta, revelando uma ‘miniaturização’ geográfica e uma ‘unificação’ tecnológico-financeira entre os continentes, parece decorrer, sob certo ponto de vista, também numa dinâmica salutar de auto-conhecimento e a possibilidade de se re-examinar uma concepção mais sistêmica de nossa realidade. Este processo possibilita deflagrar também o movimento ambiental¹⁶, cuja defesa de retorno à natureza (*strictu sensu*) não deveria ser encarada como oposta à nossa própria natureza (um humanismo *strictu sensu*), mas ser elevada ao *latu sensu* de uma natureza única, embora multifacetada e carregada de desafios.

¹⁶ Utilizo este termo buscando englobar os demais termos tais como ecologismo, preservacionismo, conservacionismo etc., embora existam diferenças. Ver LAGO & PADUA (1984).

Entretanto, como uma outra face da mesma moeda, estamos sofrendo um fenômeno de mundialização da economia¹⁷ que interfere inevitável e prejudicialmente na gestão dos recursos naturais e financeiros de cada país, agravando muitas vezes as já precárias condições de vida tanto de povoados marginais ao mercado quanto daqueles que nele se situam. Os níveis crescentes de desemprego, miséria e fome, vinculados ou não com o aumento vertiginoso da mecanização nas indústrias, diminuindo a necessidade de mão de obra braçal, têm demonstrado o lado perverso e desequilibrado deste processo em franca expansão. Nas últimas décadas, as reivindicações de trabalhadores eram por melhores salários, condições de trabalho salubres e menores cargas horárias; agora vemos se transformarem em necessidade de mais vagas para combater a exclusão e ao enorme *boom* demográfico deste período.¹⁸ A extraordinária aceleração nas comunicações tem uma aparência paradoxal, pois aumenta o atraso relativo daquelas partes do mundo sem acesso à alta tecnologia, criando novos e complexos contrastes.

Ocorre, portanto uma “tipificação internacional” segundo HOBBSAWM (1984): o ‘fosso’ econômico e populacional entre os chamados países centrais e os periféricos se intensificam, aumentando a razão incluídos/excluídos. O problema da técnica, da tecnologia ou de um pensamento exclusivamente tecnicista, como panacéia para a humanidade, tem sido reformulado, pois a ilusão de sua onipotência permitiu os absurdos atuais de desgaste ambiental (morte ou definhamento de rios, florestas e demais ecossistemas, inclusive o urbano) em composição com inúmeros e graves problemas sociais (discórdia, miséria, abandono). O poder tecnológico tem sido, segundo CASTORIADIS:

...mal utilizado (ou utilizado para o mal) [pois aspira pelo] (...) controle total, a subordinação de todos os objetos e de todas as circunstâncias à vontade e ao desejo. (...) *O aumento do ‘poder’ constitui também, ipso facto, aumento de impotência, ou mesmo de ‘antipoder’, poder de fazer surgir o contrário daquilo que se visava;* e quem calculará o balanço líquido, em que termos, com base em quais hipóteses, para qual horizonte temporal? (p.154)

Portanto, neste século XXI, podemos perceber que este tipo de tendência ao reducionismo que enfatiza as partes (economia e sociedade) em detrimento do todo (economia-ecologia e sociedade-natureza), permanece abrangendo as ciências e, embora permitindo o progresso técnico-científico, vem agravando problemas sócio-ambientais.

Entretanto, nestas três últimas décadas têm surgido (ou ressurgido), nos meios científicos e filosóficos (J. LOVELOCK, 1979; F. CAPRA, 1982; E. MORIN, 1998; E. LEFF,

¹⁷ Segundo Hobsbawm, o desenvolvimento do mercado mundial é condição crucial e característica da sociedade capitalista (p.75).

¹⁸ Os importantes avanços da medicina preventiva e curativa, atuando decisivamente para uma maior expectativa de longevidade em quase todo o mundo, têm contribuído para este cenário, assim como as técnicas agrícolas mecanizadas têm possibilitado alimentar tamanha proliferação humana, apesar dos castigos sofridos ao meio natural.

2001), artísticos (F. KRAJCBERG¹⁹) e religiosos (holismo, nova era), idéias sobre a interdependência humana dos demais seres vivos, os riscos do domínio humano sobre a natureza e inclusive possíveis causas do declínio de antigas civilizações.²⁰

Foi principalmente neste período pós 2^a. Guerra Mundial, com o crescente desequilíbrio de ecossistemas e o risco de escassez de recursos naturais, que se iniciou uma série de debates e conferências, demonstrando a urgência e a abrangência do assunto. Em várias instâncias políticas e acadêmicas começou-se a discutir uma *educação* voltada para o meio ambiente e sua capacidade de melhorar as condições de sobrevivência da população. Foram enfocados problemas como a necessidade da interdisciplinaridade e da co-participação, somados à visão ecológica, econômica, política e social e não somente físico-biológica da natureza. Porém, mesmo assim, desde a Conferência em Estocolmo (1972) ainda se tratava de controlar prejuízos ambientais e qualidade de vida, sem interferir no processo industrializador e desenvolvimentista de crescimento econômico e da alta produtividade. Também durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável em 1992 no Rio de Janeiro - BR, diversos países se propuseram a assinar tratados sobre clima, patentes de códigos genéticos e biodiversidade, mas pouco se acertou sobre uma possível e necessária alteração do rumo devastador do progresso industrial, capitalista ou não.

Assim, o debate em torno do chamado *desenvolvimento sustentável*, já na década de 90, poderia vir contrabalançar as correntes extremamente produtivistas da macro-política organizadora do mundo social²¹. Esta tendência tem possibilitado o ressurgir de inúmeras e inadiáveis discussões sobre a participação humana no destino do planeta. Tanto nos meios científicos, como filosóficos e artístico-culturais, 'meio ambiente', 'interdisciplinaridade' e 'arte' são dois conceitos que têm recebido grande relevância nos últimos anos, marcados não apenas por crises políticas, econômicas e ecológicas mundiais, mas também por novas reflexões sobre a mudança histórica de paradigma no conhecimento de nossa realidade físico-biológico-cultural.

Arte Educação

Ágere, termo latino,
é fonte de duas palavras de uso corrente em português:
agir (que chegou a nós do Frances, *agir*) e arte (de *ars*, *artis*).²²

¹⁹ <http://www.krajcberg.vertical.fr/fkmanifesteportugues.html>

²⁰ Veja J. D. HUGHES (s. d.) e J. OPIE (1987).

²¹ Veja MOREIRA (1999).

²² Apresentação da coleção *Ágere*, da Papyrus Editora.

Em 1991, DUARTE Jr escreveu sobre o isolamento das aulas de artes em comparação com as demais disciplinas, levados como mais sérias e importantes. Ele aponta para este conflito básico entre o útil e o agradável, entre as obrigações e aquilo que nos dá prazer, entre a razão e a emoção. Assim, surgiu, a partir de alguns estudiosos (H. READ e V. LOWENDFELD, por exemplo), a idéia de se aprender através das artes, mas não o ensino das artes: “uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós” (p.12). A partir e através da arte, segundo ele, se estimula nossa imaginação e possibilita a criação de novos mundos, realidades possíveis (p.67), já que, citando LAMARTINE, “as utopias são verdades prematuras”. A arte-educação, ao mesmo tempo, permite que possamos criar um sentido para si mesmo e para a vida, que possamos ter uma visão de mundo próprio e socialmente construído: “o estímulo para que cada um exprima aquilo que sente e percebe” (p.75)

Em outra publicação, DUARTE Jr. (2001) comenta sua preocupação de se tentar a articulação entre o desenvolvimento do saber sensível e com a educação do intelecto, “num modo de integração e complementaridade; ambas as nossas vias de acesso ao mundo, antes de se mostrarem excludentes, apóiam-se mutuamente” (p.214). Por isso, embora ele não apóie à idéia de uma arte educação engajada, militante (como defendo aqui para a AEA), ele crê que para a educação dos sentidos é preciso prestar atenção ao que se sente, pensar naquilo que os estímulos provocam em nós e no papel desses sentimentos no correr de nossa vida em sociedade (p.218). Ao final, o autor cita SOUZA SANTOS a respeito da marginalização de outros saberes vigentes na sociedade, além do científico – religioso, artístico, literário, mítico, poético e político – responsáveis outrora por uma “sabedoria prática”, a *phronesis*.²³

Assim, DUARTE acredita na arte como instrumento precioso para a educação do sensível, levando-nos a descobrir tanto formas inusitadas de sentir e perceber o redor, mas também desenvolver e acurar os sentimentos da realidade vivenciada:

...deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada o dia-a-dia (p.25).

²³ Segundo Aristóteles, a *phronesis* é a sabedoria prática. Um esforço de reflexão, uma ciência que não se limita ao *conhecimento*, dado que pretende melhorar a ação do homem. Tem como objetivo descrever claramente os fenômenos da ação humana, principalmente pelo exame dialético das opiniões dos homens sobre esses fenômenos e não apenas descobrir os princípios imutáveis da ação humana e as causas. Isto é, considera que, a partir da opinião (*doxa*) é possível atingir o conhecimento (*episteme*). Para Gadamer, a *phronesis*, está entre o *logos* e o *ethos* (em http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/lexico_grecoromano/phronesis.htm, acessado em 16 de agosto de 2009).

Ele usa a idéia de H. READ de “educação através da arte”²⁴ uma vez que esta tem a função de educar o olhar, a audição, o tato, paladar e olfato na percepção da realidade cotidiana. Lembra inclusive sua relação com a ecologia e a questão ambiental, quando cita o trabalho de F. GUATTARI (as três ecologias: pessoal, social e natural) e da necessidade de uma reorientação radical de nosso “estar-no-mundo” (p.29). E para isso, a imaginação daquilo que ainda não é, mas poderia ser (ficção), consiste numa eficaz ferramenta humana para a criação do saber (p.135).

Portanto, embora rebatido por SHUSTERMAN (p.79), me adéquo ao pensamento de Duarte Jr. da necessidade até urgente da arte como sensibilizadora da humanidade, tão amargamente sofrida com a busca incessante pelo capital, pelo futuro, pela arrogância concreta da razão. Tanto que se torna irracional – vide o holocausto nazista, a bomba atômica e a energia nuclear e suas toneladas de lixo radioativo que levam milhares de anos pra se decompor!

Hipertrofiando a razão gera-se, dialeticamente, um profundo irracionalismo, na medida em que os valores e as emoções não possuem canais para serem expressos e se desenvolverem. Assim, a dança, a festa, a arte, o ritual, são afastados de nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho utilitário, não-criativo, alienante. A forma de expressão das emoções torna-se a violência, o ódio, a ira – somente a violência pode fazer vibrar nosso nervos, enrijecidos pelo trabalho sem sentido (DUARTE Jr., 2001, p.64).

M. F. BOLOGNESI, no prefácio do livro “Arte Educação: experiências, questões e possibilidades” (CHRISTOV & MATTOS, 2006), complementa o anterior citado, defendendo a arte educação como papel de destaque na re-sensibilização humana, uma vez que “se estabelece como elo de ligação entre o sujeito criativo e o cidadão participativo, investindo na arte como forma de conhecimento e como exercício de criatividade” (p.5). Para ele, a experiência artístico-educativa fornece uma introspecção, um *‘emsimesmamento’*, um encontro consigo mesmo e/ou como o grupo: é a busca da individualidade e da intersubjetividade.

Entretanto, para além da sensibilização, a polêmica entre arte engajada e a arte pela arte é interminável, pois acredito naquela também como formadora de sentidos. R. ALVES e J. F. DUARTE Jr. (1988) defendem esta, desconsiderando a atividade estética como um meio visando fim outro, já que elas produzem prazer... Eles crêem que o sentimento é uma forma primitiva e primeira do conhecimento humano – “uma percepção global direta”, antes da linguagem e da simbolização e até mesmo da racionalização (p.74). Este último autor cita Sartre:

²⁴ “Todavia, o que vem se notando é que esta proposta de uma educação através da arte, denominação mais tarde condensada como arte-educação, acabou por se transformar naquilo que atualmente se nomeia ensino de arte.” (p.183)

A emoção não é um acidente, é um modo de existência da consciência, uma das formas que ela compreende (...) o seu 'ser-no-mundo'.

Assim, este autor insiste que a arte não significa, ela exprime, não diz, mostra os sentimentos do artista que consegue "captar os meandros dos sentimentos da *comunidade humana* e exprimi-los em formas Simbólicas" (p.85, grifos do autor). Ele comenta que ela não é uma linguagem que comunique conceitos, mas expressão de sentimentos para que possamos contemplá-los, revive-los e senti-los. Neste sentido, DUARTE cita R. Alves comentando que, na experiência estética, o cotidiano é posto em parênteses, suspenso, tem suas regras abolidas, como se o mundo parasse, fosse desfeito, possibilitando o surgimento de uma nova realidade – uma percepção desinteressada. Ambos defendem que uma obra de arte deve ser aberta, para que o espectador complete o seu sentido (p.93).

Mesmo assim, o autor aponta para algumas funções cognitivas ou pedagógicas da arte (da p.103 à 111):

- 🌈 Apresentar eventos pertinentes à esfera dos sentimentos que não são acessíveis ao pensamento discursivo;
- 🌈 Agilizar a imaginação e libertá-la da prisão que o pensamento rotineiro lhe impõe;
- 🌈 Propiciar o desenvolvimento, a educação dos sentimentos;
- 🌈 Expressar um campo geral de sentidos, possibilitando ao expectador a sua "compreensão" (fruição) segundo seus próprios sentimentos;
- 🌈 Sentir e vivenciar aquilo que não é possível experimentar na vida cotidiana;
- 🌈 Depreender o significado cultural da educação;
- 🌈 Ter acesso à visão de mundo de outros povos, de diversas culturas e
- 🌈 Considerar o elemento utópico na criação artística.

Educação Ambiental - EA

Arte serve para criar utopias possíveis.
Tania Bruguera

Segundo o filósofo G. BORNHEIM (1997), "educação é das palavras mais abrangentes que se possa imaginar - afinal, tudo educa, a começar pelos reveses que acometem o processo de evolução do homem. Talvez se possa até avançar que a educação depende do maturar de certos processos contraditórios (...), bastaria pois a nudez das contradições para que medre a pedagogia" (p.22). Para P. MEKSENAS (1994), o desenvolvimento da civilização também se mostra como um processo contraditório, pois "ao civilizar nos desumanizamos", uma vez que ao evoluirmos nossa tecnologia e nosso

conhecimento, desenvolvemos, por exemplo, a indústria bélica e "desaprendemos o valor da vida" (p.14, grifo meu).

Neste contexto, não é possível encontrar todas as respostas aos problemas relacionados ao fenômeno educativo, como também não é possível buscar um projeto educacional definitivo uma vez que a educação é realidade em constante transformação. Assim, segundo MEKSENAS, "a educação se afirma dialeticamente, pois ao mesmo tempo que se reproduz (imita), pode transformar (projetar o novo)" (p.18). Nesta perspectiva, muitos são os desafios hoje para a educação. Para GUTIERREZ (1884):

...o homem que devemos formar é esse ser relacional, condicionado política, social e economicamente por uma sociedade de contradições (...) e por isto, a ausência da dimensão política é a causa da deterioração e da desvirtuosidade do sistema educativo (p.9).

Assim como a arte, "a política é também inerente ao ser humano, essencial ao seu trabalho, que condiciona seu modo de pensar e em todas as possibilidades do viver..." (p.11). Portanto me apoio nas idéias de G. MICHEL (1979):

...*pensar* é atuar interiormente, dialogar consigo mesmo para elaborar o 'material' que penetrou em nossa inteligência: defini-lo, analisá-lo, classificá-lo, combiná-lo, sintetizá-lo, hierarquizá-lo. *Pensar criticamente* significa buscar causas, efeitos, contradições, sofismas, altura, profundidade. *Pensar criativamente* quer dizer: dar corda à imaginação, prever, intuir, criar novos enfoques, encontrar novas soluções. *O pensamento crítico unido ao pensamento criativo constituem um poderoso instrumento para captar a realidade e transformá-la* (p.73).

Segundo R. ALVES (1984), "o comportamento humano, individual e coletivo, se processa com uma série de explicações intelectuais; porém seu verdadeiro motor se encontra em níveis obscurecidos pela pseudo-racionalidade que elaboramos. Na educação, compete à filosofia fazer as perguntas acerca das ilusões e das ideologias. Podemos começar substituindo as afirmações por interrogações, dogmas são transformados em dúvidas, os pontos de chegada em pontos de partida na busca de sínteses criativas" (p.79). Deste modo, GUTIERREZ acredita que "...é preciso que o ambiente educativo seja flexível, original, subjetivo, desinibidor, desafiante, informal, motivador, independente, construtivo, rico em sentimentos e emoções para despertar um processo de troca e a subsequente organização psíquica" (p.143).

Segundo o disposto no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, a EA deve ter como base o *pensamento crítico e inovador*, promovendo a transformação e a construção da sociedade. Portanto, esta perspectiva educacional:

...*não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social, deve facilitar a cooperação mútua e equitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas, promovendo o diálogo entre indivíduos e instituições e integrando conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações.*

Neste sentido, nos apoiamos em P. FREIRE (2004), que nos diz que uma *imanência ontológica do ímpeto participativo e criador do ser humano é fator decisivo no desenvolvimento de uma consciência crítica*. Por isto, em publicação recente com demais colegas (SUDAN et al., 2007), logo em sua primeira orelha dizemos: as vivências – dinâmicas, jogos e oficinas, “fazem parte do repertório utilizado para estimular a participação e o envolvimento de pessoas para sentir, pensar e agir de maneira mais cuidadosa, cooperativa, protagonista e responsável para com a construção de sociedades sustentáveis”. Assim, creio no potencial criativo acoplado e até mesmo como resposta à indignação de sobrevivência em mundo injusto e depredado, à exploração do humano pelo humano e da natureza.

Assim, vejo a EA como campo de reflexão e militância, reagindo criticamente ao monopólio da arrogância da razão e da pseudo-supremacia humanas.

Arte Educação Ambiental - AEA²⁵

Antes de buscar sua definição, exemplifico a seguir o que é chamado de *arte sociológica*, embora não necessariamente no contexto ambiental, mas, sobretudo social, político e ético, componentes essenciais do ambientalismo crítico. Segundo a Rede Mundial de Artistas em Aliança pelo Reencantamento do Mundo (<http://www.redemundialdeartistas.org.br>), no texto “Arte pela arte x Arte engajada”, a arte não deve ter somente um conteúdo político, de protesto e de denúncia, mas por outro lado, “a criação artística possibilita a produção de novas metáforas, novos signos culturais, podendo ser um contraponto em um contexto de dominação e manutenção de processos hegemônicos”. Esta Rede defende que não “é possível que um artista esteja isolado de seu entorno de relações sociais, políticas, econômicas e psicológicas no momento da criação.”

O texto da Aliança acima citado cita os trabalhos de *Augusto Boal* (Teatro do Oprimido), *Geraldo Vandré* (“...E acreditam nas flores vencendo o canhão...”), *Caetano Veloso* (“...Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas. Da força da grana que ergue e destrói coisas belas. Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas. Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços. Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva...”), *Gilberto Gil* (“...Amigos presos. Amigos sumindo assim. Prá nunca mais. Tais recordações. Retratos do mal em si. Melhor é deixar prá trás...”), *Pablo Neruda* (“Os poetas odeiam o ódio e fazem guerra à guerra. A poesia tem comunicação secreta com o sofrimento do homem”), *P. Picasso* (“Guernica”) e *Botero* (“Abu Ghraib”). Cita também o movimento Hip-Hop como

²⁵ Sou moderador de uma lista de discussão em AEA: <http://br.groups.yahoo.com/group/arteducamb>. Seja bem vind@!



Na *música* popular de protesto político dos anos 60 e 70, com *Edu Lobo* (“Borandá”), *Chico Buarque* (“Construção”), *Milton Nascimento* (“Nada será como antes”), entre outros²⁸.

CHAUÍ ainda menciona que, por estabelecer uma relação intrínseca entre arte e sociedade:

...o pensamento estético de esquerda também atribui finalidade pedagógica às artes, dando-lhe a tarefa de crítica social e política, interpretação do presente e imaginação da sociedade futura“. Assim, a arte deve ser comprometida; estar a serviço da emancipação humana, como instrumento do “esforço de libertação”.

Assim, concordo com ela e os autores da Rede quando apostam na possibilidade da arte criar perplexidade, comoção, indignação e também de ampliar visões, a gama de metáforas culturais, não querendo privilegiar uma arte fundada somente na denúncia e no protesto, acreditando numa arte criativa, instigadora, potencializadora da capacidade humana de fazer e desfazer mundos, que nos encoraje a transgredir e a transformar, que provoque reação, desalienação, incomodo e descontentamento em acomodados e submissos...

Coaduno-me com a posição de SHUSTERMAN e seu projeto pragmatista no campo estético, embora seu livro debata sobre o papel da arte popular em comparação com as artes ditas superiores ou maiores. Este projeto não visa abolir a chamada arte pela arte, mas apontar para o potencial de “um programa político-social progressista, dedicando mais uma atenção às dimensões éticas e sociais de suas obras” (p.60), como instrumento de crítica social, protesto e transformação, denunciando as injustiças e os antagonismos da vida social.

²⁸ Exemplos de obras inseridos por mim. No Brasil, diversos rockeiros (*Raul Seixas*, em *Sociedade Alternativa*. Veja letra em <http://letras.terra.com.br/raul-seixas/48333/> e *Cazuza*, em *Burguesia*; veja em <http://letras.terra.com.br/cazuza/43858/>), reggaeiros (*Farofa Carioca*, em *A Carne*. Veja letra em <http://letras.terra.com.br/farofa-carioca/292916/>) e rappers (*Gog*, em *Brasil com P ou Assassinos Sociais*. Veja video em <http://www.youtube.com/watch?v=AJhO8kvfmT8&feature=related>), principalmente, tem elevada produção de músicas engajadas político, sócio e ambientalmente.

E, em se tratando de `educação` e `ambiental`, me interessa mais do que a mera sensibilização, mesmo que seja, claro, altamente positivo, tamanha anestesia da mentalidade do mundo moderno, mecanizado, computadorizado, eletrônico, virtual, artificial.

O que Bourdieu chama de “capital cultural” constitui a arma maior do artista e do intelectual contra a hegemonia do dólar; e é o dólar, não a ópera, que sustenta e motiva as injustiças sociais que muitos de nós deploramos (p.67)

E por isso, vejo que como cidadão e co-responsável pela condição sócio-ambiental do mundo, devemos atuar sempre que possível com compromisso ético para alterá-lo.

Principais resultados

Pode-se dizer que, embora eu não tenha encontrado uma real avaliação da estratégia de ação através da arte educação, os educadores, ambientais ou não, têm reunido muitas experiências na busca pela construção de uma sociedade planetária sustentável²⁹. E diversas pesquisas no país e no mundo (como os aqui já citados autores) têm indicado o trabalho lúdico como fundamental como fator de sensibilização e de envolvimento cidadão. A partir de jogos, dinâmicas, oficinas, cursos, aulas e obras de arte (produzindo e/ou contemplando), é possível a convocação para uma maior participação popular por meio da ludicidade. Assim, posso apontar para um crescente movimento das artes promotoras da cidadania crítica e de intervenção local, de rua, visando à sustentabilidade. Assim, creio que as ações relacionadas à arte educação são de vital importância para incrementar a participação individual e coletiva perante a calamidade/barbárie.

Posso citar alguns artistas encontrados atuando neste tripé eco-edu-artístico: *Eduardo SUR* (<http://artebrasileira2000.blogspot.com/2007/07/eduardo-sur>), *Franz KRAJICBERG*, *C. JORDAN* (www.chrisjordan.com) e nas artes plásticas (algumas obras chamadas de *Land Art*), *Tatiana FRANCE* (www.youtube.com/watch?v=-EmKa6PAPh0) na dança e diversos grafiteiros anônimos que acabam por usar sua arte de rua para mandar seu recado em prol da proteção ambiental, mesmo que muitas vezes num tom preservacionista e pouco ideológica.

Abaixo, insiro algumas imagens de alguns de meus trabalhos onde tenho buscado executar o defendido neste artigo³⁰:

²⁹ Ver breve levantamento do lúdico em EA em PEDRINI (2007).

³⁰ Para maiores informações, contate-me ou acesse a lista de discussão citada.



Cartão Fito-postal. Exposição interativa PB em Cor. Montagem sobre o muro da USP.



Fito-cartão postal. P&B em Cor. Grafite em máscara e giz no chão de Chuckflower, *Banksy*.



Gincana do Caracol. Dia da Terra 2000 & 500 Anos Brasil. Protetores da Vida.



Fotonovela como cartilha em EA. Audio-visuais Libélula Voadora e Lixo e Poluição.

Conclusões

Portanto, AEA, como tenho denominado este campo de reflexão-ação (*práxis*), é vista aqui como o *trabalho lúdico*³¹ e *engajado*, usado em função de sua utilidade pedagógica e tendo como objetivo final uma alteração radical do *modus vivendi* atual e a conseqüente proteção ambiental. Assim, ela serve para estimular a criatividade, mas não

³¹ Citando o exemplo do teatro ambiental, ver DIAZ ROCHA, 2001 e DIAZ ROCHA, 2007. Para saber mais sobre ludicidade: J. HUIZINGA (2005).

como fim em si mesma (uma arte pela arte) e sim *política, militante, ideológica*³². Creio que ela deva ter um papel direcionado para o *comprometimento* do artista e sua *responsabilidade* como cidadão planetário. “*Artista*” no sentido de toda e qualquer pessoa criativa; como todo indivíduo dedicado ao seu desenvolvimento mental, imaginativo e também *altruísta*. E, mesmo que não tenha um amplo e refinado desenvolvimento estético, seria quem procura sensibilizar-se e a outrem através de seu *potencial de expressão*. Deste modo, aponto restrições, embora pertinente em certas ocasiões, quanto ao uso, posso dizer ingênuo da AEA apenas como passatempo ou recreação, uma vez que não esteja conectada diretamente com um projeto maior de alteração do paradigma insustentável da sociedade atual.

Assim, ela pode ser vista como uma ferramenta de promoção de reflexões globais e ações locais e tem se constituído como componente imprescindível para uma maior presença da questão ambiental em diversas atmosferas. Essa idéia pragmatista procura uma abertura da arte para um programa ético-político-social-libertário. Assim, proponho algo como a *Pedagogia Estética do Conflito ou da Indignação* (esta segundo P. FREIRE, 2000); uma *arte-eco-pedagogia ‘dedo-na-ferida’, rebelde, interventora, provocativa...*

Concordo plenamente com os ditos de DUARTE Jr sobre a educação (do) sensível. E creio mesmo que há necessidade de maior sensibilidade neste mundo tão áspero e incrédulo. E que para cuidar é preciso conhecer. E que para conhecer é preciso sentir mais apuradamente. E também admito os perigos da instrumentalização das artes, do pragmatismo que vê que tudo tem que ter um por que imediato e eficiente.

Mas creio que, confessando minha ousadia, além de tornar as pessoas sensíveis, as próprias obras de arte, criadas por artistas, professores, alunos, enfim, qualquer pessoa, tenha a capacidade de refletir sobre ela como meio de expressão de sua ira, rebeldia, reação perante aquilo que enxerga ao redor. Ou seja, ela pode expressar artisticamente, esteticamente, o que pensa que poderia ser um mundo melhor ou, ao contrário, denunciar, por meio de sua obra, buscando somar a uma estética interessante, o *modus vivendi* nefasto em que vivemos, principalmente no que tange ao abismo social de desfrute e de degradação da natureza.

Por isso, creio que não basta ser sensível, tem que participar! E esta participação se faz nos mínimos detalhes, sendo criativo, inserindo o componente rebelde, revolucionário nas principais questões sociais e ambientais que denigrem qualquer imagem humanitária (ou seja de humanidade) que dispomos.

Fecho com GANDHI³³:

³² Veja meu artigo “Arte educação ambiental como práxis política” (DIAZ ROCHA, 1997).

³³ Ver Arte e Verdade, de M. J. RAGO CAMPOS (1992).

...toda verdadeira arte é uma expressão da alma e meio para sua auto-realização, pois as formas externas se valorizam apenas quando são manifestações do espírito interior do homem... Para um verdadeiro artista, só existe beleza quando unida à verdade: quando os homens [e as mulheres] começarem a ver beleza na verdade, então surgirá a verdadeira arte.

Bibliografias e Referências

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Ed. Cortêz, 1984.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos ed., 1995.
- BORNHEIM, G. **Da contradição necessária: Descartes e a questão da liberdade**. In: Veredas. RJ: CCBB, ano 2, n.15, 1997.
- BRUM, J. T. **O Pessimismo e suas Vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. RJ: Rocco, 1998.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CASTORIADIS, C. **As Encruzilhadas do Labirinto I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.144-5, 1978.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia** (Capítulo Unidade do eterno e do novo. 3 - O universo das artes). São Paulo: Ática, 2000 (acessado em <http://www.redemundialdeartistas.org.br> em 29 de julho de 2009).
- CHRISTOV, L. H. da S. & MATTOS, S. A. R. de (orgs.). **Arte Educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo: Expressão e Arte editora, 2006
- COLI, JORGE. **O que é arte**. SP: ed. Brasiliense, coleção Primeiros Passos, n.46, 2007.
- DIAZ ROCHA, P. E. Aplicação do Lúdico na Educação Ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org.) **Metodologias em Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, p.95-125, 2007.
- DIAZ ROCHA, Paulo E. **Interdisciplinaridade e Meio Ambiente em Cursos de Pós-Graduação no Brasil**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, 2001. Acessível em http://www.reasul.org.br/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=52&Itemid=33
- DIAZ-ROCHA, P. E. **Arte Educação Ambiental como Práxis Política**. In: Anais do IV FÓRUM de EDUCAÇÃO AMBIENTAL e I ENCONTRO da REDE BRASILEIRA de EDUCAÇÃO AMBIENTAL (Guarapari – ES), 1997. Resumo disponível em <http://www.ecolmeia.com/ecoartigos/paulo.html>
- DIAZ-ROCHA, P. E. **Arte Educação Ambiental Para Uma Cidadania Político-Participativa**. In: I Encontro Ambiental Virtual Meio Ambiente 99 – MA99. Technische Universität Hamburg, 1999 (acessível em <http://umweltprogramme.de/meioambiente99/tema02/rocha/index.html>).

DIAZ-ROCHA, P. E. **Considerações para uma nova Abordagem Multidisciplinar em Educação Ambiental: uma visão holística do indivíduo e da sociedade.** In: III Encontro Latino-americano de Educadores Ambientais. Rio de Janeiro: Federação Latino-Americana de Educadores Ambientais, 1995.

DIAZ-ROCHA, P. E. **Considerações sobre a Filosofia do *Ethos* Ecológico e a Abordagem Fisiológico-religiosa do Ser Humano.** In: XIV ENCONTRO ANUAL DE ETOLOGIA. Anais de ETOLOGIA. Uberlândia - MG: Sociedade Brasileira de Etologia, 1996.

DIAZ-ROCHA, P. E. **O Jovem que Sente, Pensa e Faz: arte-educação ambiental no Programa Aprendiz Comgás - São Paulo, BR.** In: Anais do II Encontro Estadual de Educação Ambiental & I Encontro Paulista de Centros de Educação Ambiental, 2003, Rio Claro, 2003.

DIAZ-ROCHA, P. E. **Protetores da Vida: Programa de Arte-Educação Ambiental em Municípios da Bacia da Baía de Guanabara - RJ.** In: Anais do I Encontro Regional de Ensino de Biologia – EREBIO. Niterói: Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia - Regional-2, p.305-309, 2001.

DIAZ-ROCHA, P. E. **Robert Nesta Marley e a Potencial Contribuição de seu Reggae para a Construção de Sociedades Justas e Sustentáveis: *get up and stand up for your rights!*** In: Anais do V FÓRUM de EDUCAÇÃO AMBIENTAL, Goiânia – GO, 2004.

DUARTE JR, JOÃO FRANCISCO. **Fundamentos Estéticos da Educação.** Campinas: Papyrus Editora, 1988.

DUARTE JR, JOÃO FRANCISCO. **O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar Edições, 2001.

DUARTE JR, JOÃO FRANCISCO. **Por que Arte-Educação?** Campinas: Papyrus Editora, 1991.

ELIADE, MIRCEA. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** SP: ed. Martins Fontes, coleção tópicos, 2ª ed., 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARDNER, HOWARD. **Tese das Inteligências Múltiplas.** 7: Lingüística, Musical, Lógica-Matemática, Espacial, Cinestésico-Corporal, Intrapessoal, Interpessoal

GOLDMANN, L. **A Origem da Dialética: a comunidade humana e o universo em Kant.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.9, 1948.

GUTIERREZ, F. **Educación como praxis política.** México: Siglo Veintiuno, 1ª ed., 1884.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

HOBBSAWM, E. **La Era del Capitalismo**. Madrid: Ed. Labor, 1984.

HUGHES, J. D. **La Ecología en las Civilizaciones Antiguas**. México: Fondo de Cultura Económica, s. d.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo Ludens**. SP: Perspectiva, 2005.

LAGO, A. & PADUA, J. A. **O que é Ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LE GOFF, J. **Progresso e Reação**. In: Enciclopédia Eunaudi, pp.338-392. s.d.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001

LENOBLE, J. **História da Idéia de Natureza**. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1969.

LOVELOCK, J. **Gaia**. Nova York: Oxford University, 1979.

MEADOWS, D. H. et al. **The Limits to Growth: a report for the club of Rome's project on the predicament of mankind**. NY: Universe, 1972.

MEKSENAS, Paulo. **Sociedade, Filosofia e Educação**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

MICHEL, G. **Aprender a aprender: guía de autoeducación**. México: Trillas, 5ªed., 1979.

MOREIRA, Roberto José. Economia Política da Sustentabilidade: uma perspectiva neomarxista. In: COSTA, L. F. C., BRUNO, R. e MOREIRA, R. J. (orgs.). **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1998.

NAIANE P. de MELLO & DIAZ ROCHA, P. E. **Atividades de Recepção de Estudantes pelo Programa USP Recicla: acolhendo e sensibilizando ludicamente**. In: II Simpósio USP Recicla, 2006.

OPIE, J. **Renaissance Origins of the Environment Crisis**. Environmental Review. Oregon: Oregon State Univ., vol.11, n.1, 1987.

PEREIRA, M. de L. Mäder (coord.). **A Arte como Processo na Educação**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2a. ed., 63p., 1982.

RAGO CAMPOS, M. J. **Arte e Verdade**. São Paulo: Loyola, 1992.

REDE MUNDIAL DE ARTISTAS EM ALIANÇA PELO REENCANTAMENTO DO MUNDO. **Arte pela arte x Arte engajada**. (Acessado em <http://www.redemundialdeartistas.org.br> em 29 de julho de 2009).

RIBON, MICHEL. **A Arte e a Natureza: ensaios e textos**. Coleção Filosofar no Presente. Campinas: Papyrus, 1991.

SHUSTERMAN, RICHARD. **Vivendo a Arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. SP: ed. 34, 1998.

SUDAN, D. C.; MEIRA, A. M. de; ROSA, A. V.; LEME, P. C. S. & DIAZ ROCHA, P. E. **Da Pá Virada: Revirando o Tema Lixo – vivências em educação ambiental e resíduos sólidos**. SP: USP Recicla, 2007.